

internacional

internacional@jornalcomercio.com.br

Cresce apelo de democratas para Biden deixar a disputa

Principais assessores de campanha admitiram que o debate foi um revés

/ ESTADOS UNIDOS

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e sua equipe lutavam para impedir que uma série de deserções democratas se transformasse em um motim nesta quinta-feira. O mandatário segue afirmando ao longo de suas manifestações que é capaz de vencer as eleições diante do republicano Donald Trump em novembro.

Mais democratas romperam com o mandatário de 81 anos, após um debate e aparições públicas que não tranquilizaram os eleitores e colegas preocupados sobre a sua aptidão para a campanha presidencial ou um segundo mandato.

A deputada Hillary Scholten, de Michigan, que tenta reeleição, tornou-se o décimo membro da Câmara a dizer que Biden deveria renunciar. “Pelo bem da nossa democracia, ele deve passar a tocha a um novo candidato para as eleições de 2024”, disse.

Outros democratas foram mais moderados. “Quero que ele faça o que acha que é melhor para ele e para o nosso país”, disse a deputada Bonnie Watson Coleman, de Nova Jersey. O deputado Colin Allred, candidato a uma vaga no Senado do Texas, disse que não daria uma entrevista sobre Biden. “Estou com Biden, não importa qual seja sua decisão... estou com ele”, disse o deputado Jim Clyburn, da Carolina do Sul,



SAUL LOEB/AFP/IC

Troca do nome de Biden a poucos meses da eleição já é uma realidade

que ajudou a salvar a campanha de Biden em 2020.

Os principais assessores de campanha admitiram em um memorando desta quinta-feira que o debate foi um “revés”, mas disseram que as pesquisas internas e externas ainda mostram uma disputa acirrada nos principais estados-chave.

Na última quarta-feira, o senador Peter Welch, de Vermont, tornou-se o primeiro representante democrata no Senado a dizer publicamente que Biden deveria sair da disputa.

O ator George Clooney - que ajudou a organizar uma grande arrecadação de fundos para o presidente no mês passado - escreveu no New York Times que Biden deveria desistir da corrida para dar aos democratas uma

chance de derrotar o republicano Donald Trump.

Sob forte pressão desde o debate desastroso do mês passado, a campanha de Biden reconheceu que o caminho para a vitória do presidente se estreitou. Em um memorando interno circulado nesta quinta, a equipe defende que os esforços sejam concentrados em três dos sete estados-pêndulo, admitindo chances pequenas de virada contra Trump nos outros quatro.

A mudança de estratégia é mais uma amostra de enfraquecimento da campanha de Biden, cuja continuidade na disputa se encontra seriamente ameaçada após o desastroso debate no mês passado e o caos interno que se instalou em seu próprio partido desde então.

2/3 dos americanos acreditam que Biden deve desistir

Dois em cada três norte-americanos acreditam que o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, deve abandonar a disputa pela reeleição, indica pesquisa do instituto Ipsos para a ABC News e o The Washington Post. Ainda assim, o levantamento aponta que a corrida com o ex-presidente e candidato republicano, Donald Trump, segue empatada.

Segundo a sondagem, 67% dos americanos querem que Biden desista da campanha, após o desempenho no debate do final de junho, contra 30% que preferem que o democrata siga no páreo. Por outro lado, metade defende que Trump renuncie à candidatura republicana, enquanto 47% argu-

mentam pela permanência dele.

Entre os democratas, a vice-presidente Kamala Harris é a mais citada para substituir Biden (29%), bem à frente do governador da Califórnia, Gavin Newsom (7%).

A última pesquisa Ipsos mostra que os eleitores americanos veem Donald Trump como uma pessoa melhor física e mentalmente e o presidente Joe Biden como mais honesto e capaz de proteger a democracia. Apesar disso, Biden e Trump aparecem com iguais intenções de votos para as eleições de novembro entre os eleitores registrados, com 46% para cada.

Apenas 13% acham que Biden está bem fisicamente. Outros 44% disseram que Trump está

mais habilitado para um novo mandato. Quando se trata da saúde mental dos candidatos, as porcentagens são semelhantes: 44% acreditam que o republicano está bem e só 14% acham o mesmo do democrata.

Biden é visto como mais honesto e confiável que o rival. Entre os mais de 2 mil entrevistados, 39% disseram ver o atual presidente como honesto e confiável, enquanto 22% afirmaram o mesmo de Trump. Biden também é considerado como alguém que vai proteger a democracia (41% a 35%), representa mais os valores dos eleitores (36% a 31%) e entende melhor os problemas da população (34% a 32%).

China é um ‘facilitador decisivo’ da Rússia na invasão à Ucrânia, diz Otan

/ OTAN

Em comunicado, a Otan apontou que a China é um “facilitador decisivo” da Rússia na invasão à Ucrânia. O encerramento da reunião da Organização do Tratado do Atlântico Norte que ocorreu nesta quinta-feira em Washington teve como um dos principais pontos da agenda a reunião dos chefes de Estado dos países membros, com a participação do presidente dos EUA, Joe Biden, e a entrevista coletiva do secretário-geral, Jens Stoltenberg.

O encontro da Otan ocorre em um contexto no qual a organização concordou em lançar um novo programa para prover ajuda militar e treinamento à Ucrânia e colaborar para que o país possa participar da aliança. O plano vai complementar a colaboração de 50 países à Ucrânia para ter acesso a armamentos e treinar oficiais para enfrentar a invasão das tropas russas, iniciada em 22 de fevereiro de 2022. O atraso do Congresso dos EUA para financiar o fornecimento de equipamentos militares ao país presidido por Volodymyr Zelensky permitiu o avanço

das tropas de Moscou no território ucraniano.

Nos últimos dois anos, o conjunto de países criado pelos EUA para apoiar a defesa da Ucrânia contra a invasão da Rússia dedicou US\$ 100 bilhões em equipamentos, armamentos e treinamento, sendo que somente o governo americano colaborou com US\$ 53,6 bilhões. A Organização do Tratado do Atlântico Norte promete ajudar com mais US\$ 43,3 bilhões o país europeu nos próximos 12 meses.

Os 32 países que formam a Otan apontaram que a Ucrânia está em um caminho “irreversível” para se tornar membro da organização, mas tal fato só deve ocorrer após o fim da guerra com o exército comandado pelo presidente russo, Vladimir Putin.

O ex-presidente dos EUA, Donald Trump, tornou-se um dos temas das conversas nos bastidores do encontro em Washington, especialmente para líderes de países do leste europeu, pois acreditam que suas nações poderão ser alvos de futuras agressões militares da Rússia se o republicano for eleito em novembro na corrida à Casa Branca.



KEVIN DIETSCH/GETTY IMAGES/AFP/IC

Ucrânia de Zelensky está a poucos passos de ser aceita pelo bloco

Governo chinês rebate críticas e pede para Otan não criar ‘caos’ na Ásia

A China acusou a Otan de buscar segurança às custas dos outros e defendeu que a aliança não deve levar o mesmo “caos” para a Ásia. Em coletiva, um porta-voz do Ministério das Relações Exteriores chinês também recusou o título dado pela Otan para a China, de “facilitadora decisiva” da guerra da Rússia contra a Ucrânia.

“A Otan está aumentando a responsabilidade da China na questão da Ucrânia, uma ação ir-

razoável e que tem motivos sinistros”, disse o porta-voz do ministério Lin Jian. Ele afirmou que a China tem uma posição justa e objetiva sobre a questão da Ucrânia.

A China rompeu com os EUA e seus aliados europeus em relação à guerra na Ucrânia, recusando-se a condenar a invasão da Rússia. Seu comércio com a Rússia cresceu desde a invasão, compensando, pelo menos parcialmente, o impacto das sanções ocidentais.